



A MULHER E A PALAVRA: UMA PROPOSIÇÃO PARA A OCUPAÇÃO DA POESIA DE AUTORIA FEMININA NO ENSINO MÉDIO

Ingrid Menezes Madeira ¹

Andrea de Lima Cavalcanti ²

Luciana Lopes Costa ³

Valéria Hernandorena Monteagudo de Campos ⁴

RESUMO

Esta comunicação tem como objetivo principal pensar o apagamento da poesia de autoria feminina na história, no cânone literário e no ensino médio. Para tanto, consideramos necessário realizar uma contextualização do percurso da mulher na poesia, tendo como base Coelho (2002) e Prates (2023), a fim de recuperar algumas autoras que estiveram ocultas desde o século XVIII até a atualidade. A partir dessa síntese, percebemos que muitas autoras habilidosas tiveram suas contribuições minimizadas ou relegadas a uma posição secundária pelo cânone. De acordo com Pereira e Farias (2017), isso ocorre devido à mentalidade vigente dominada pela sociedade patriarcal. Além disso, de acordo com Showalter (1985), todas as subculturas literárias percorrem três grandes fases: a imitação dos padrões dominantes; o confronto de padrões vigentes e a autodescoberta marcada pela identidade própria. A análise literária, portanto, deve levar em conta as fases feminina, feminista e fêmea, a fim de compreender como diferentes gerações de escritoras impactaram como enxergamos não somente a literatura, mas todas as grandes mudanças que as narrativas femininas nos possibilitaram em diversos momentos da história. Por fim, percebemos o apagamento da trajetória das mulheres poetas também na escola ao analisarmos o material didático do ensino médio da Rede SESI de Educação. Como contribuição pedagógica ao tema, apresentamos o projeto da realização de uma cartilha que visa a resgatar a literatura poética de autoria feminina através dos tempos para uso na educação básica.

Palavras-chave: Poesia, Gênero, Literatura, Educação Básica, História

INTRODUÇÃO

A poesia desempenha um papel fundamental na expressão artística e na representação da diversidade humana. No entanto, ao longo dos últimos quatro séculos (XVIII – XXI), as vozes das mulheres e das minorias têm sido sistematicamente apagadas e silenciadas na história brasileira, na crítica literária e no material didático, perpetuando desigualdades e injustiças.

A pergunta que motivou esta pesquisa é se as mulheres realmente não escreveram poemas em determinadas épocas, devido ao impedimento de estudar, por exemplo; se existiram

¹ Graduanda do Curso de Linguagens da Faculdade Sesi de Educação, ingrid.madeira@faculdadesesi.edu.br;

² Graduanda do Curso de Linguagens da Faculdade Sesi de Educação, andrea.cavalcanti@faculdadesesi.edu.br;

³ Graduanda do Curso de Linguagens da Faculdade Sesi de Educação, luciana.costa2@faculdadesesi.edu.br;

⁴ Professora do Curso de Linguagens da Faculdade Sesi de Educação, mestra em literatura (USP), valeriahae@gmail.com;



poetas e estas não tiveram uma obra significativa; ou, ainda, se por outros motivos sociais e históricos, não estão contempladas no conteúdo escolar.

É importante mencionar que este texto é um recorte do trabalho de conclusão de curso do curso de linguagens da Faculdade Sesi de Educação, isto é, uma pesquisa mais extensa, a qual de fato singulariza as mulheres que ao longo dos séculos de poesia de autoria feminina abriram caminhos para as escritoras de hoje, porém foram menosprezadas na história, no cânone e do material didático. As principais referências que compõem este trabalho são Prates (2023) e Coelho (2002), estudiosas que se lançaram ao trabalho de pesquisa e divulgação das poetisas brasileiras. A fim de lançar um olhar mais preciso às poetisas que escreveram em contextos sociais tão díspares, Showalter (1985), conforme mencionada por Zolin (2019), é uma crítica que perpassa todo o olhar para a poesia dessas mulheres.

Diante desse contexto, este trabalho ratifica a necessidade de a poesia de autoria feminina ser lida e estudada na escola. A pesquisa identifica a presença mínima ou até mesmo inexistente de poetisas mulheres em determinados anos no material didático do ensino médio da Rede Sesi-SP e propõe a criação de uma cartilha que mostre os poemas de algumas poetisas mulheres ao longo dos últimos quatro séculos, para que a sua voz ecoe no importante espaço de letramento literário e de formação humana que é a escola.

METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO

A fim de realizar a pesquisa bibliográfica necessária ao trabalho, nosso percurso envolveu a participação no curso “Quatro Séculos de Poetisas Silenciadas”, ministrado pela poeta Lubi Prates – na biblioteca do Parque Villa Lobos, em março de 2023 – com o objetivo de recuperar a obra de algumas poetisas dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI que, devido a fatores como gênero, raça, classe social e/ou orientação sexual, foram frequentemente relegadas à margem do cânone literário e, conseqüentemente, silenciadas e esquecidas pela literatura; e também envolveu a participação na palestra “Poesia Insubmissa”, evento cujo intuito foi mostrar a poesia de autoria feminina como tema central do debate, com as poetisas Luiza Romão e Lubi Prates – na Biblioteca do Centro Cultural São Paulo, em julho de 2023.

Grande parte da pesquisa sobre mulheres escritoras foi sistematizada por Nelly Novaes Coelho (2002) em uma de suas mais importantes contribuições à literatura brasileira, o *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*, o qual traz em 750 páginas mais de 1.400 autoras mulheres, com predomínio nos séculos XIII, XIX e XX, evidenciando que não foi apenas a



partir do século XXI que a mulher passou a escrever, pois muitas outras pavimentaram um caminho que se pretendeu, até certo momento, inexistente.

A fim de dar o devido valor a essas primeiras escritoras, no entanto, é importante ressaltar que, no estudo da literatura de autoria feminina, é preciso compreender as fases pelas quais as escritoras passaram. Elaine Showalter, em *A literature of their own: British women novelists from Brontë to Lessing* (1985), explicita que, quando um estudioso se debruça sobre os trabalhos das escritoras, tomadas coletivamente, pode-se perceber a recorrência, de geração para geração, a determinados padrões, temas, problemas e imagens. No entender da ensaísta, todas as subculturas literárias percorrem três grandes fases: imitação e internalização dos padrões dominantes; protesto, em que se confrontam os padrões vigentes; e autodescoberta, marcada pela identidade própria. Na prosa, a literatura de autoria feminina brasileira também pode ser dividida dessa forma (Zolin, 2019). Ao analisarmos o apagamento da história das poetisas brasileiras, é preciso levar isso em conta, a fim de não subestimarmos o valor de determinadas poetisas nesse percurso.

Parte-se do entendimento de que, em determinadas épocas, o fato de uma mulher escrever já era subversivo o bastante. Tendo em vista que as literaturas de grupos silenciados tendem a iniciar-se com o acatamento da voz vigente, afinal, outras vozes inicialmente não seriam possíveis, até que questões sócio históricas possibilitassem a quebra de paradigmas, é possível compreender o valor de cada uma das poetisas no percurso literário poético brasileiro nos últimos quatro séculos. Da mesma forma, valorizam-se ainda mais as escritoras que lançaram novas bases para a escrita de mulheres, tanto em questões temáticas quanto formais.

Esse entendimento amplifica-se ao perceber-se que o cânone é uma criação subjetiva de um grupo de pessoas, cuja função é determinar as obras essenciais para a compreensão de um determinado período histórico. Essa definição, certamente, liga-se a uma visão de mundo. Para Pereira e Farias, “o cânone é uma ferramenta importante para o reconhecimento da literatura, para o viés educacional atribuído a disciplina e para a manutenção de sua identidade, por isso faz-se tão urgente a inclusão da figura feminina neste meio”. (2017, p. 150)

O cânone literário brasileiro ainda segue os padrões europeus, ou seja, as normas são ditadas pelo homem branco e este elege sempre os seus iguais, ignorando as diversidades, porém, de acordo com Oliveira: “discussões sobre o cânone ganham infinitas proporções, tendo em vista que, no atual contexto, muito se fala sobre sua desconstrução e revisão. O valor estético hoje é colocado em xeque, graças ao deslocamento dos referentes”. (2005, n.p.)

Faz-se necessário ressaltar que recentes movimentos passam a fazer uma releitura do universo da literatura e começa-se a discutir a existência de culturas e não de uma cultura. Em



resumo, sempre existiu literatura de autoria feminina, porém os critérios socioculturais negaram seu merecido espaço. Em *Um teto todo seu*, Virgínia Woolf faz considerações sobre a representação e a posição feminina seja na literatura, seja fora dela:

De fato, se a mulher só existisse na ficção escrita pelos homens, poderíamos imaginá-la como uma pessoa da maior importância: muito versátil; heroica e mesquinha; admirável e sórdida; infinitamente bela e medonha ao extremo; tão grande quanto o homem e até maior para alguns. Mas isso é a mulher na ficção. (Woolf, 2022, p. 55)

Isso evidencia como a mulher deve ser vista a partir de sua própria voz. Da mesma maneira, todos os grupos minorizados precisam ter sua expressão ouvida, não apenas servir como objeto de inspiração. Há um grupo privilegiado na literatura e esse grupo tem cor da pele, sexo e classe social, isso justifica o apagamento das mulheres e, mesmo assim, elas continuam resistindo e escrevendo. A exclusão feminina é um movimento político e implícito que reverbera na nossa sociedade e no nosso cotidiano até os dias atuais.

A fim de obter-se a valorização e o reconhecimento da poesia de autoria feminina, propomos a criação de uma cartilha como recurso didático, destinada a lançar luz sobre a relevância dessas vozes e oferecer recursos para sua inclusão no currículo educacional. Ao explorar a obra dessas poetisas, esperamos ampliar o horizonte literário dos estudantes, incentivando a reflexão sobre questões de gênero, igualdade e diversidade. É tempo de proporcionar a justa visibilidade e o reconhecimento que essas poetisas merecem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Catrópa (2017, n.p.), na cena literária, as mulheres “ainda são frequentemente compreendidas como autores de segunda categoria. [...] A forma mais eficaz de contribuímos para evitar essa distorção é lermos os textos produzidos por mulheres a partir de suas singularidades temáticas e estéticas.”. Sendo assim, é preciso ler e pesquisar e, como não temos registros canônicos, devemos recorrer aos registros históricos.

Com o surgimento da crítica feminista dos anos 1970 surge uma revisão a respeito da tradição literária feminina. Dessa forma, realiza-se uma releitura da tradição literária com base na visão feminista contemporânea, que procura desmascarar os fundamentos do cânone literário tradicional, marcado por preconceito de cor, raça, classe social e sexo para então desestabilizá-lo e reconstruí-lo. Com isso, surge a descoberta de que os valores da literatura canônica não residem apenas nas qualidades de seus textos, mas na ideologia que a suporta.



Ao se iniciar essa pesquisa pelo século XVIII, percebe-se um período marcado por movimentos literários significativos, como o Arcadismo. O cânone literário da época foi dominado por homens, e a poesia feminina foi frequentemente vista como imperfeita, fútil e irrelevante. Essa visão preconceituosa impediu que muitas poetisas tivessem o reconhecimento merecido. Prates (2023) nos apresenta as pioneiras da literatura brasileira: Ângela do Amaral Rangel (1725 – data desconhecida), Bárbara Heliodora (1759 – 1819), Ildefonsa Laura César (1774 – 1873), Beatriz Brandão (1779 – 1868) e Delfina Benigna da Cunha (1791 – 1857). A escrita dessas cinco mulheres resistiu ao tempo e, mesmo que essas poetisas estejam inseridas na fase “fêmea”, a qual acata os padrões vigentes, cada uma a sua maneira nos leva a refletir sobre o quanto se perdeu nesses séculos de silenciamento.

Já no século XIX, apesar do surgimento de vozes femininas mais proeminentes – como a de Francisca Júlia, primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras –, e mesmo com o aumento da luta pelos direitos das mulheres, a exclusão das poetisas persistiu. O machismo estrutural e as normas patriarcais restringiam o espaço e a legitimidade da produção literária feminina. As vozes das mulheres e das minorias continuavam sufocadas, dificultando sua participação e reconhecimento no cenário literário. A visão de que a produção poética feminina era inferior ou menos relevante continuava a prevalecer, perpetuando o apagamento dessas autoras. Em determinadas escolas literárias, a mulher é vista como a musa inspiradora dos poetas, como no Romantismo, porém essa é uma imagem que eleva uma para rebaixar todas as outras mulheres. Por esse motivo, a mulher precisa narrar a sua própria história.

No caminho do século XIX para o XX, há importantes poetisas, como Gilka Machado, que já se encaixam na fase feminista e questionam o que é ser mulher. No século XX, temos importantes avanços sociais, políticos e culturais. A escritora e ensaísta inglesa Virginia Woolf rompe com o antigo, trazendo conceitos importantes sobre a produção literária feminina. Posteriormente, a Revolução Cultural dos anos 1960, empenhada em destronar a autoridade do falo-etno-euro-centrismo, exerceu tanto a necessidade dessa revisão da literatura feminina quanto favoreceu a aparição isolada de mulheres escritoras nos anos 1930 e 1940 e, nos anos 1970 e 1980, levou a uma explosão de publicações de autoras como Raquel de Queiroz, Cecília Meireles e Clarice Lispector, a qual “abre uma tradição para a literatura da mulher no Brasil, gerando um sistema de influências” (Viana, 1995, p.172 apud Zolin, 2019, p. 255).

Ainda no século XX novas perspectivas se abriram para a expressão artística, porém o espaço reservado à poesia de autoria feminina em obras literárias de referência, como *Uma História da Poesia Brasileira*, de Alexei Bueno, e *Como e Por Que Ler Poesia Brasileira do Século XX*, de Ítalo Moriconi, era limitado e muitas vezes relegado a uma posição secundária



ou as mulheres eram vistas “como meras coadjuvantes em volta de um núcleo masculino” (Pereira e Farias 2017, p. 154). Poetas como Cecília Meireles, Adélia Prado e Henriqueta Lisboa, entre tantas outras, enfrentaram obstáculos para serem reconhecidas. Suas vozes eram frequentemente subestimadas, ou relegadas a uma posição secundária, ou seja, a visão do cânone em obras de referência não dava o devido destaque à poesia de autoria feminina, refletindo uma persistente desvalorização da produção poética das mulheres.

Em pleno século XXI, ainda enfrentamos um cenário em que as vozes das poetisas continuam sendo negligenciadas e subestimadas. É impossível chegar a uma fase plenamente “fêmea”, enquanto houver ainda tanto a reivindicar. O apagamento dessas vozes no decorrer da história da literatura brasileira reflete no apagamento dessas vozes nas obras literárias adotadas nos meios de ensino. Essa ausência contribui para perpetuar a ideia de que a produção poética feminina é menos relevante e menos digna de estudo e apreciação. Justamente pelo fato de a mulher não ser incentivada a escrever e conseguir produzir uma obra poética é que o seu valor deveria ser ressaltado. É fundamental superar essa lacuna e fornecer materiais didáticos que promovam a diversidade literária e a representatividade, incorporando tanto as poetisas pioneiras da nossa literatura quanto as que contribuem atualmente, como Ana Martins Marques e Luiza Romão, que trazem perspectivas únicas e necessárias à equidade de gênero.

Vimos até aqui a importância de resgatar a literatura de autoria feminina e fazer ecoar a voz de tantas mulheres que engrandecem a nossa literatura. Sendo assim é válido ressaltar que, entre as formas de apagamento da literatura produzida por mulheres é o

tratamento omissivo dado a tal literatura nos livros didáticos de Língua Portuguesa e Literatura, seja pela baixa frequência de textos literários escritos por mulheres, ou pela presença pouco significativa de autoras dentro da história literária traçada nessas obras. (Steffen, 2018, p. 317)

De acordo com Steffen, há uma omissão ou presença pouco significativa de textos de autoria feminina no material didático de Língua Portuguesa. Nosso intuito é mostrar que isso também ocorre no material de Língua Portuguesa do ensino médio da Rede Sesi de Educação. Assim sendo, analisamos os materiais do aluno e do professor. Na nossa pesquisa, identificamos a proporção de poemas de autores homens, poemas de autoria feminina e poemas de autoria mista (diversos autores), nos três livros do Ensino Médio. O número de poemas de autoria masculina é absurdamente maior: nos livros analisados são mencionados 49 poemas, sendo 47 poemas impressos (o de Ferreira Gullar não está no livro e o de Cecília Meireles é apenas mencionado). Desses 47 poemas impressos temos: 42 poemas de autores homens; 4 poemas de autoras mulheres, 3 brasileiras e 1 estrangeira; 1 poema de autoria mista (dos autores do



material). Constatamos inicialmente que o número de poemas de autoria feminina é inferior a 10%. Conforme a pesquisa bibliográfica sobre as poetas brasileiras demonstrou, isso não se justifica pela ausência de escritoras no país, tampouco pela falta de qualidade nesses escritos.

Há a total omissão de poetas mulheres no livro didático do 1º ano do Ensino Médio. Conforme identificado, há capítulos designados a entender o que é a literatura e é de suma importância mencionar que temos 17 poemas de autores homens e nenhum de autoria feminina. Ao invés de três poemas de Oswald de Andrade, por exemplo, poderia haver um poema de Cecília Meireles ou de outra poeta que tenha escrito sobre o fazer poético. Há também outros autores nesse livro didático com mais de um poema (D. Diniz – 2, Carlos Drummond de Andrade – 2 e Gregório de Matos – 5). Quanto a essa constatação, Steffen (2018, p. 327) afirma: “Os livros didáticos, mesmo sendo publicações recentes, não escapam de reproduzir um modelo tradicional de história literária”, ou seja, reproduzem um modelo patriarcal.

É importante ressaltar que os livros didáticos desempenham um papel crucial na transmissão de conhecimento e na formação da visão de mundo dos estudantes. Eles são selecionados e produzidos por instituições educacionais, frequentemente sujeitas a normas e valores culturais enraizados na sociedade em que estão inseridas. Assim, os livros didáticos podem refletir as ideologias e as estruturas de poder predominantes, como o patriarcado.

A persistência do modelo tradicional de história literária em livros didáticos pode ser explicada por diversos fatores, porém, esse viés resulta de normas sociais que historicamente limitaram o acesso das mulheres à educação formal e à publicação. Além disso, os livros didáticos, muitas vezes, são influenciados por critérios de seleção de conteúdo que favorecem a obra de autores reconhecidos como canônicos, que frequentemente são homens. Essa seleção tende a excluir obras menos conhecidas ou que desafiam as normas estabelecidas. No entanto, percebemos que mesmo em uma perspectiva de linha do tempo, seria possível acrescentar autoras que têm escrito no Brasil desde o século XVIII.

No livro didático do 2º ano, quando lemos as orientações didáticas para o professor, notamos que a equipe que elaborou o conteúdo sabe que os critérios de seleção favorecem obras e autores canônicos e de certa forma tentam romper com isso quando nos apresentam o poema “Musa Impassível”, de Francisca Júlia da Silva, na página 139.

O material do professor orienta levantar questões sobre as razões que levaram Francisca Júlia ser esquecida e discriminada – isso antes de iniciar a atividade proposta no livro do aluno –, com o intuito de buscar “uma reflexão sobre o apagamento de figuras femininas na literatura brasileira” (Orientações Didáticas do Movimento do Aprender, p. 191). As obras de Francisca Júlia foram atribuídas a escritores homens, mas, segundo o enunciado,



posteriormente foi reconhecida a verdadeira autoria. Novamente, vemos que poetas homens aparecem no material didático com mais de um poema, por exemplo, Olavo Bilac, e nos perguntamos por que não escolher textos de outra poeta?

No livro do 1º ano, não há nenhum poema de autoria feminina. Já no livro do 2º ano, temos 1 poema de autoria feminina, do total de 15 poemas. Chegamos ao livro do 3º ano com 17 poemas impressos e temos apenas 3 poemas de autoria feminina, sendo 2 de poetas brasileiras e 1 poeta estrangeira.

Em uma análise simples, houve um aumento de poemas de autoria feminina, porém esse “aumento” é pouco expressivo quando comparado ao total de poemas de autoria masculina. Na nossa pesquisa, identificamos cinco poetas cujos poemas foram silenciados no século XVIII, no entanto, hoje há muito mais poetas mulheres. Como demonstrado, quanto mais próximo do presente, assim como ocorre na sistematização da história da literatura no ensino médio, maior é o número de mulheres que escrevem poesia.

Entre as poetas que aparecem no livro do último ano no ensino médio, a primeira poeta, Ryane Leão, está no Capítulo 2 – “Sinto, logo existo”, com o poema “Talvez hoje seja o dia”. O fato de ser uma mulher não é citado, como se fosse natural nenhuma autora ter aparecido até então. O segundo poema de autoria feminina consta na p. 163, “Eu”, de Florbela Espanca (1894-1930). Apesar de nos determos nas poetas brasileiras, consideramos importante refletir como uma poeta mulher de outro país é estudada no material didático. No entanto, notamos que as poucas atividades raramente são sobre apenas o poema de uma mulher, sempre há uma comparação com um poeta homem, no caso de Florbela, com o moçambicano Mia Couto.

É válido ressaltar que, na p. 230, Cecília Meireles e sua obra poética *Espectros* é citada em uma linha do tempo sobre “Literatura no ENEM: Como estudar a disciplina para a prova”. Cecília Meireles é citada entre os principais autores da 2ª fase do período modernista e nada mais. Considerando-se que essa é uma poeta canônica, faz-se refletir o quão significativo é que nem ela tenha espaço no material, uma vez que duas escritoras brasileiras contemporâneas são contempladas, porém há outros séculos de poesia de autoria feminina apagados.

O terceiro poema apresentado, cujo título é “condição: imigrante”, de Lubi Prates, encontra-se no “Capítulo 10 – Viver o presente, pensar o futuro”, p. 243 e 244. Saber que essa poeta que resgata e faz ecoar a voz de outras poetas está no livro didático da rede SESI é muito significativo, embora informações relevantes sobre ela só constem no livro do professor. Há algumas atividades de interpretação e novamente a comparação de seu poema com um escrito por um homem, “Lídia”, de Ricardo Reis, um dos heterônimos de Fernando Pessoa.



Notamos que as atividades propostas seguem um padrão: leitura do poema, seguida de questões de interpretação de texto, depois uma atividade onde o aluno precisa comparar o poema a outro texto ou poema, destacando semelhanças e diferenças e por fim uma produção escrita para colocar em prática o que aprendeu sobre o estilo de poema abordado. Além disso, novamente, no material do terceiro ano, há mais de um poema de autoria de um mesmo poeta, como três exemplos de Cruz e Sousa, dois de Sérgio Vaz e dois de Mário de Andrade. Acreditamos que, se houvesse um poema de cada um desses autores, poderiam aparecer quatro poemas de escritoras do simbolismo, do modernismo e da contemporaneidade.

É necessário que o professor se atente às orientações didáticas constantes no livro do professor, pois há muitas informações importantes que devem ser transmitidas, mas que não estão disponíveis no livro do aluno. Uma sugestão é que o ensino de literatura seja por blocos temáticos, em vez da sequência histórica, a fim de tentar garantir que os alunos de fato tenham contato com obras de poetas como Francisca Júlia e Lubi Prates. Citamos as duas que aparecem nos últimos capítulos dos livros do 2º e 3º ano, respectivamente, pois, sabemos que devido à dinâmica da sala de aula, nem sempre o professor consegue chegar ao fim do livro didático.

Por fim, é necessário que o professor faça uso de outros materiais, além do livro didático, para complementar o aprendizado do aluno. O livro do 3º ano, por exemplo, traz o poema de Florbela Espanca, mas não faz menção sobre o contexto histórico em que ela viveu, sendo assim, até mesmo uma atividade de interpretação de texto soa como superficial. Portanto, conforme mencionado na introdução, como contribuição pedagógica ao tema abordado ao longo desse trabalho, elaboramos uma cartilha bibliográfica, que complementará o material didático e a qual pretendemos disponibilizar à comunidade escolar.

Imagem: Cartilha Biográfica



Fonte: Elaborado por Campos, Cavalcanti, Madeira e Costa



Para esta cartilha selecionamos algumas poetisas, e é válido ressaltar que outras autoras poderiam compô-la, pois a ideia é disponibilizar uma amostra da poesia de autoria feminina, de diferentes épocas, para ser usada em sala de aula, uma vez que esta é uma parte essencial da história literária, ainda que muitas vezes tenha sido subestimada ou ignorada.

Nesse recurso, resgatamos obras de algumas poetisas a partir do século XVIII e XIX até a atualidade, que devido a fatores como gênero, raça, classe social e/ou orientação sexual, foram e ainda são frequentemente relegadas à margem do cânone literário e, conseqüentemente, silenciadas e esquecidas pela literatura. Um exemplo de página da cartilha segue abaixo:

Imagem: Página da Cartilha

GILKA MACHADO

Ser mulher

Ser mulher, vir à luz trazendo a alma talhada
para os gozos da vida, a liberdade e o amor;
tentar da glória a etérea e altívola escalada,
na eterna aspiração de um sonho superior...

Ser mulher, desejar outra alma pura e alada
para poder, com ela, o infinito transpor;
sentir a vida triste, insípida, isolada,
buscar um companheiro e encontrar um Senhor...

Ser mulher, calcular todo o infinito curto
para a larga expansão do desejado surto,
no ascenso espiritual aos perfeitos ideais...

Ser mulher, e oh! Atroz, tantállica tristeza!
ficar na vida qual uma água inerte, presa
nos pesados grilhões dos preceitos sociais!

Rio de Janeiro, 1893-1980
A poeta foi a autora mais polêmica desse tempo. Pioneira do erotismo na literatura brasileira, viveu a transição do século XIX ao XX e possui uma poesia muito expressiva e relevante para a história da literatura escrita por mulheres.

Sobre o poema:
A autora expressa uma visão melancólica e conflituosa do que é a experiência feminina, trazendo temas como liberdade, amor, busca por um ideal e limitações sociais. Percebe-se nesse poema, apesar da forma tradicional do soneto alexandrino, um momento de mudança na história da literatura poética de autoria feminina: os valores vigentes são questionados: chegamos à fase feminista.

CARTILHA BIOGRÁFICA

Fonte: Elaborado por Campos, Cavalcanti, Madeira e Costa

O século XX testemunhou uma explosão de vozes femininas na literatura. Essas autoras não apenas trouxeram suas próprias perspectivas, mas também desafiaram estereótipos de gênero e promoveram a igualdade por meio de sua escrita. Hoje, no século XXI, vemos uma diversidade ainda maior de vozes femininas na literatura, explorando questões contemporâneas relacionadas a gênero, sexualidade, raça e identidade.

Ao longo dos séculos, nossas escritoras abordaram diversos temas e estilos, refletindo não apenas suas próprias experiências, mas também as transformações sociais e culturais ao seu redor. Essas mudanças narrativas têm sido cruciais para a evolução das perspectivas do gênero na literatura, bem como para a conscientização e empoderamento das mulheres.

Sendo assim, uma cartilha como esta é uma ferramenta valiosa. Ao destacar o impacto das escritoras em diferentes gerações e momentos da história, ela nos convida a considerar a



importância da literatura feminina na evolução das narrativas e na promoção da igualdade de gênero. Estudar e apreciar a literatura poética de autoria feminina é essencial não apenas para enriquecer nossa compreensão da literatura, mas também para reconhecer a contribuição significativa das mulheres para a cultura e a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória da poesia feminina ao longo dos últimos quatro séculos na literatura brasileira é marcada por desafios, apagamento e silenciamento. A ausência de suas obras nos materiais didáticos perpetua a ideia de que a produção poética feminina é inferior, menos relevante e, portanto, não merece ser estudada e apreciada. Embora a literatura de autoria feminina tenha um espaço crescente nas últimas décadas, este estudo também enfatiza a importância de estabelecer uma linha do tempo que rastreia a evolução da produção literária feminina, nas fases feminina, fêmea e feminista (Showalter, 1985). Isso é essencial para preservar a identidade literária, contribuir para futuras pesquisas e trabalhos acadêmicos e proporcionar a justa visibilidade e o reconhecimento que essas poetisas merecem.

No entanto, é fundamental considerar que ainda há um longo caminho a percorrer. A participação em eventos literários, por exemplo, ainda é limitada. Mesmo com autoras renomadas, como Luiza Romão, que conquistou o prestigioso Prêmio Jabuti de livro do ano, a presença feminina em tais eventos permanece com público restrito. A sub-representação em eventos literários reforça a importância de um esforço contínuo para superar preconceitos arraigados e desigualdades de gênero no mundo da poesia e da literatura em geral, o que requer não apenas uma revisão dos materiais didáticos, mas também um compromisso diário com a divulgação e celebração da produção literária feminina.

A criação da cartilha bibliográfica como recurso didático e contribuição pedagógica é uma importante iniciativa para resgatar a literatura poética feminina ao longo dos séculos. Ao incluir essas poetisas no currículo, ampliamos o horizonte literário dos estudantes, incentivando a reflexão sobre questões de gênero, igualdade e diversidade. A poesia dessas mulheres não apenas enriquece a cultura, mas desafia estereótipos e promove a equidade de gênero. Enfim, a valorização da poesia de autoria feminina é um passo crucial para superar as injustiças do passado e construir um futuro mais inclusivo e igualitário. É uma chamada para a ação que nos lembra da importância de ouvir e celebrar todas as vozes na literatura, independentemente de gênero, raça, classe social ou orientação sexual. Ao fazê-lo, estamos contribuindo para uma sociedade mais justa e diversificada, na qual a poesia de todas as vozes é apreciada e respeitada.



REFERÊNCIAS

CATRÓPA, Andréa. Mulheres e o cânone literário: Na cena literária ainda paira sobre a literatura escrita por mulheres uma sombra de imperfeição, futilidade e irrelevância. **Revista Teoria e Debate**. São Paulo, Edição 158, mar. 2017 <https://teoriaedebate.org.br/2017/03/07/%EF%BB%BFmulheres-e-o-canone-literario/>. Acesso em: 23 Abr. 2023.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras: (1711-2001)**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

OLIVEIRA, Vanderleia da Silva. Instâncias canônicas: reflexões sobre o contexto brasileiro. In: **II ENCONTRO PARANAENSE PÓS-GRADUADO EM ESTUDOS LITERÁRIOS**, 2005, Curitiba. Anais do II EPEL. Curitiba: UFPR, 2005.

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS DO MOVIMENTO DO APRENDER: Língua Portuguesa: 1º ano do Ensino Médio / Editora SESI-SP. – 2. ed. – São Paulo: Editora SESI-SP, 2023. 354 p.

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS DO MOVIMENTO DO APRENDER: Língua Portuguesa: 2º ano EM / Editora SESI-SP. – 2. ed. – São Paulo: SESI-SP editora, 2023. 368 p.

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS DO MOVIMENTO DO APRENDER: Língua Portuguesa: 3º ano EM / Editora SESI-SP. – 1. ed. – São Paulo: Editora SESI-SP, 2022. 472 p.

PEREIRA, Anderson Martins; FARIAS, Ariane Avila Neto de. As mulheres escrevem poesia? O espaço reservado à poesia de autoria feminina do século XX em "Uma História da poesia brasileira" de Alexei Bueno e "Como e por que ler poesia brasileira do século XX", de Ítalo Moriconi. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 4, n. 6, p. 149-157, dez. 2017. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/9048/Mulheres%20e%20poesia.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 Abr. 2023.

PRATES, Lubi. Curso: **Quatro Séculos de Poetas Silenciadas**. In: Biblioteca do Parque Vila Lobos. São Paulo, mar. 2023.

SHOWALTER, Elaine. **A literature of their own: British women novelists from Brontë to Lessing**. Princeton: Princeton University Press, 1985.

STEFFEN, Ana Cristina. A (não) presença da literatura de autoria feminina nos livros didáticos de ensino médio. **Revista Entrelaces**. Fortaleza, v. 1, n. 11, 2018.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2019.